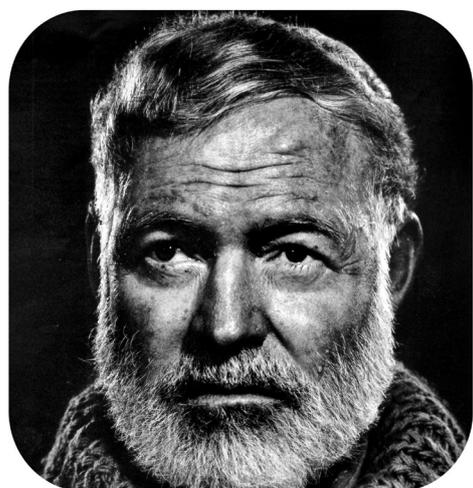
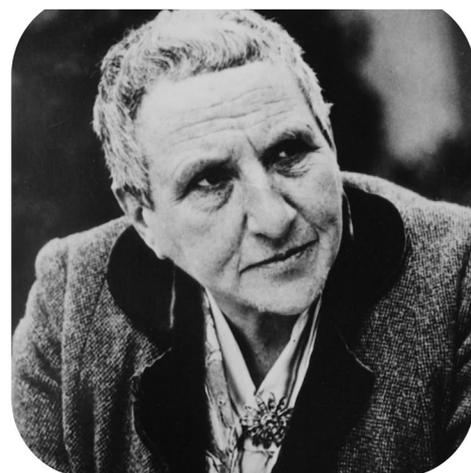
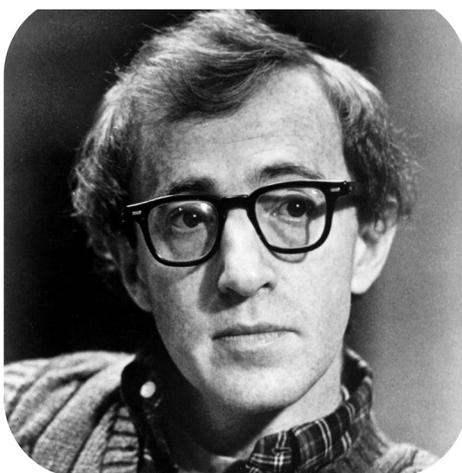


O VISTO

ANO I, Nº 2

OUTUBRO DE 2013

16 PÁGINAS



EDITORIAL

Um certo pânico, uma certa histeria.

Ainda meio inseguro quanto ao que pretendo escrever abaixo, joguei este título na esperança de que me ajudasse, em poucas palavras, a resumir o que quero falar. Assim como disse certa vez João Ubaldo, nunca passou pela minha cabeça formar a opinião de ninguém, até porque encontro sérias dificuldades em formar a minha própria. Um jornal, assim como qualquer outro meio de comunicação, não é, do meu ponto de vista, um formador de opinião. É, antes de tudo, um meio para que essas diferentes opiniões possam ser expressas; é, se assim posso dizer, um simples, no sentido mais puro, veículo.

Não diferente do que escrevi acima, O Visto se propõe a exatamente isto: ser um ambiente em que pontos de vista diferentes e plurais, não raro marginalizados em outros meios, possam conviver. Como escrevi na edição passada, O Visto busca trazer opiniões e conhecimento acerca do mundo nos domínios político, econômico e cultural, criando um espaço para o debate. Isso. Nada mais.

Fui, por essa razão, surpreendido quando, na última edição, chegaram até nós rumores de que haviam comentado, durante uma palestra aqui na UFSC, coisas esdrúxulas sobre nosso jornal. Confesso que estou sentindo uma preguiça macunaímica de responder a esse episódio - não sei, nem ao menos, se é o melhor a se fazer; no entanto, vou seguir. Assim como o hipocondríaco que, ao ler uma reportagem sobre saúde, tem certeza de que foi escrita para si e começa a sentir todos os sintomas da doença, o sujeito desinformado, ao ler um texto que vai contra seu posicionamento ideológico (o que quer que isso signifique), espalha aos quatro cantos que tudo aquilo que foi escrito é "nazista e homofóbico". Fico triste, porém, tranquilo, porque sei que nada disso é verdade, pelas razões que apresentei desde o início do texto. Peço desculpas ao leitor que se enfadou nessa leitura, mas talvez fosse melhor esclarecer tudo.

Aproveito a oportunidade para agradecer, mais uma vez, o Centro Sócio-Econômico da UFSC, por viabilizar a impressão desse jornal, e a professora Patrícia Arienti, por ter aceito participar do projeto.

Por fim, desejo uma ótima leitura a todos e espero que aproveitem.

Gabriel Piccinini

TRANSNACIONAIS E SUBDESENVOLVIMENTO NA AMÉRICA LATINA PRIVATIZADA

Página 3

O CHILE E A VERDADEIRA DEPENDÊNCIA

Página 4

ENTREVISTA COM ANTHONY MUELLER

Página 6

4ª SEMANARI

Página 8

VOLTAIRE E "O HOMEM DOS QUARENTA ESCUDOS"

Página 9

DE VICO A WOODY ALLEN - AS ARTES E A SUCESSÃO DE CULTURAS

Página 10

COMENTÁRIO CRÍTICO DE CALLINICOS, ALEX. BONFIREOFILLUSIONS: THE TWIN CRISES OF THE LIBERAL WORLD. LONDON: POLITY, 2010.

Página 12

EDGAR ALLAN POE

Página 13

EXTRAÍO: CHARGES E COLUNA MILHAS

Página 15

CORPO EDITORIAL

Amábilé Lúcia Fedrizzi (12.1)

amabilelucia@hotmail.com

Carolina N. Santana (11.1)

carolina.ns@live.com

Clarissa Duarte Forte (10.2)

cladufor@hotmail.com

Darlan de Souza Borges (12.2)

darlanbs@hotmail.com

Gabriel Antonio C. Pereira (12.2)

gabriel_antonioc@hotmail.com

Gabriel Piccinini (12.2)

gabrielpiccinini@me.com

Jonatan Carvalho de Borba (12.2)

jcarvalhodeborba@gmail.com

Lucas Cidade Garcez (12.2)

garcezlc@hotmail.com

Luiza del Giúdice (10.1)

luizadelgiudicee@gmail.com

Mariana Serrano Silvério (12.2)

mariana@silverio.net.br

Martina Hotzel (13.1)

martina.hotzel@gmail.com

Oswaldo Souza (12.2)

oqsf@hotmail.com

Tiago Gabriel Tasca (12.1)

tiagotasca@live.com

ovistoufsc@gmail.com

MAPA POLÍTICO

Um mapa político é a forma gráfica de identificar divisões políticas e administrativas de uma determinada região, aqui, ele serve para acabar com as divisões e juntar visões e pensamentos sobre tudo o que você pensa e acha que deve ser dito e debatido acerca do cenário internacional. O que você pensa?

TRANSNACIONAIS E SUBDESENVOLVIMENTO NA AMÉRICA LATINA PRIVATIZADA

FELIPE AMIN FILOMENO

Uma das principais questões investigadas em Economia Política Internacional é o papel das empresas transnacionais oriundas dos países mais ricos no (sub)desenvolvimento dos países mais pobres. Estas empresas frequentemente são acusadas de explorar nossos recursos naturais, nossa força de trabalho e nosso mercado consumidor, apropriando parte exorbitante dos benefícios econômicos gerados por suas atividades locais enquanto externalizam, para nossas comunidades, os custos sociais e ambientais de suas operações.

Como diversos estudos já mostraram, para que o investimento estrangeiro direto contribua significativamente para o desenvolvimento de países mais pobres são necessárias várias condições, que vão desde a capacidade tecnológica local à política tributária do país anfitrião. A promessa de que maior integração à economia mundial através dos investimentos estrangeiros aumentaria a eficiência econômica, as exportações e a capacidade tecnológica dos países periféricos não é profecia auto-realizável. Sem políticas públicas adequadas e sem pressão da sociedade civil, o capital transnacional tende a estabelecer uma relação predatória com os recursos humanos e naturais dos países periféricos.

Há não mais do que duas décadas, o Brasil era quase exclusivamente apresentado como vítima nesta história. Hoje, no entanto, o país é sede de empresas transnacionais operando na África e na América Latina, as quais contam com apoio direto do Estado brasileiro, através de financiamentos do BNDES e da própria atuação de seu corpo diplomático. Isto nos coloca, brasileiros, em uma posição privilegiada para avaliar os efeitos da atuação do capital transnacional nos países em desenvolvimento.

Durante os anos 1990, a economia nos países latino-americanos passou por um processo de privatização. Este processo era parte da agenda neoliberal então implementada pelos governos nacionais da

região, sob tutela de instituições financeiras internacionais. Na teoria, as empresas estatais eram ineficientes, expostas à corrupção e a práticas de “rent seeking”. A privatização as tornaria mais eficientes e ampliaria o papel do mercado na alocação dos recursos, gerando bem-estar econômico coletivo. Na prática, as empresas estatais foram vendidas por quantias menores que seu real valor, sua compra foi parcialmente financiada por dinheiro público através do BNDES, e há acusações de corrupção praticada durante todo o processo (vide o livro *Privataria Tucana*). O que é mais importante, os diversos monopólios estatais foram substituídos não por estruturas de mercado concorrenciais, mas por oligopólios privados transnacionais não competitivos.

“Sem políticas públicas adequadas e sem pressão da sociedade civil, o capital transnacional tende a estabelecer uma relação predatória com os recursos humanos e naturais dos países periféricos”

Assim, hoje o brasileiro não precisa de favorecimento político para furar a fila de espera para ter um telefone fixo instalado em sua residência, mas paga uma das tarifas de telefonia celular mais caras do mundo e tem seus direitos de consumidor sistematicamente violados. A situação é tão caótica que na cidade de Florianópolis (SC), foi instaurada uma comissão parlamentar de inquérito (CPI), liderada pelo vereador Tiago Silva (PDT), para demandar uma solução nas esferas civil e criminal para irregularidades já identificadas administrativamente pela ANATEL.

Recentemente, o Estado argentino rescindiu contrato com a empresa transnacional brasileira ALL (América Latina Logística). Como nos informa reportagem de Monica Yanakiew para a EBC, a organização não governamental Instituto Argenti-

▶ MAPA POLÍTICO

no de Ferrovias acusa a ALL de abandonar 60% da malha ferroviária que usava desde 1999 e de rejeitar novos clientes para favorecer sua própria frota de caminhões brasileiros que fazia o mesmo trajeto dos trens. Os 8 mil quilômetros administrados pela ALL foram privatizados nos anos 1990 sob governo de Carlos Menem.

Infelizmente, as agências reguladoras criadas durante o processo de privatização ainda são entes fracos, incapazes de regular o capital transnacional para que este proporcione mais benefícios líquidos aos países anfitriões. Esta situação só começou a mudar com a ascensão dos governos à esquerda do centro, eleitos na última década. Governos e grande parte da sociedade civil acordaram para o fato de que “empresa privada” não é necessariamente sinônimo de eficiência e que “estrangeiro” não é sinônimo de melhor. Não há nada de inerentemente eficiente ou competitivo na empresa capitalista. Esta só é eficiente quando a sociedade a pressiona, seja através da concorrência, da lei ou do protesto.

No capitalismo, o Estado tende a apoiar o capital na criação e manutenção de posições monopolísticas, pois estas garantem os lucros extraordinários necessários à acumulação incessante de capital. As indústrias pós-privatização, caracterizadas por concessões públicas e sistemas operacionais e logísticos de larga escala, são ambien-

te altamente propício para isto, resultando em abusos frequentes por partes de empresas transnacionais.

Na batalha contra este problema, o Estado não precisa necessariamente voltar a ser o provedor direto de bens e serviços, mas precisa fazer os capitalistas competirem entre si para gerarem mais benefícios ao trabalhador-consumidor. Isto é especialmente importante no setor primário (e na infra-estrutura de transportes que lhe assiste). Como são indústrias utilizando recursos não renováveis, é fundamental garantir que o excedente econômico por elas gerado se converta em capital humano local, capaz de promover o desenvolvimento no longo prazo. Ademais, numa conjuntura internacional de alta procura por commodities, é este o setor em que a América Latina possui maiores vantagens competitivas, sendo assim capaz de barganhar por maiores benefícios do capital transnacional interessado em nossos recursos.

Felipe Amin Filomeno é Economista, Doutor em Sociologia pela Johns Hopkins University, Professor Adjunto do Departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina. Possui website em <http://felipeaminfilomeno.wordpress.com>.

O VISTO

O CHILE E A VERDADEIRA DEPENDÊNCIA

LUCAS CIDADE GARCEZ (ALUNO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS - 3A FASE)

Quantos países sul-americanos não fazem fronteira com o Brasil? Dois. Quais são eles? O Equador e o Chile. Infelizmente, não possuímos fronteira com os chilenos. Por que afirmo isso? Porque talvez deste modo pudéssemos importar e assimilar de melhor modo o modelo lá executado. Somos campeões em importar ideias de nossos vizinhos. Entretanto, o que atualmente é idealizado por setores da sociedade e governo brasileiros, provindo originalmente dos governos de Buenos Aires e de Caracas, apenas ensina a como condenar práticas comerciais consagradas e nos condena à verdadeira dependência.

O fato é que o Chile vem demonstrando um modelo de desenvolvimento para o continente. Este é resultado de uma política proveniente das últimas décadas. Entretanto, faz-se necessário antes de mais nada um esclarecimento. Este texto não possui nenhuma intenção de fazer qualquer apologia ao governo de Augusto Pinochet (1973-1990). O autor

do texto condena todas as práticas cometidas pelo Senhor Pinochet em relação aos direitos civis. O mesmo tratamento dá ao seu antecessor, Salvador Allende. Qualquer livro de história decente - movido por acontecimentos e não militância - traz os delitos cometidos assim como os pensamentos destes governantes. Trata-se aqui da política econômica desenvolvida a partir dos planos do Nobel de Economia de 1976, Milton Friedman. Todavia novamente é necessário um esclarecimento. Friedman não admirava o governo de Pinochet, os trechos a seguir reafirmam isto:

“If the pure Chicago economic theory can be carried out in Chile only at the price of repression, should its authors feel some responsibility?” wrote New York Times columnist Anthony Lewis in October 1975. In fact, Pinochet had been mostly indifferent to the Chicago Boys’ advice until the continuing economic crisis forced him to look

for some policy alternatives. In March 1975, he had a 45-minute meeting with Friedman and asked him to write a letter proposing some remedies. Friedman responded a month later with an eight-point proposal that largely mirrored the themes of the Chicago Boys. For his trouble, Friedman would spend the rest of his life being defamed as an accomplice to evil: at his Nobel Prize ceremony the following year, he was met by protests and hecklers. Friedman himself couldn't decide whether to be amused or annoyed by the obloquies; he later wryly noted that he had given communist dictatorships the same advice he gave Pinochet, without raising leftist hackles." (BRET STEPHENS)

Os chilenos seguiram o receituário. Um rígido controle fiscal foi aplicado. Mais de 600 empresas públicas foram privatizadas. Alguns exemplos estão nos setores energético, telefônico, de telecomunicações e de transportes. Uma abertura comercial às importações não impediu uma política voltada à exportação das vantagens comparativas de cada região, tais como os minérios no norte ou ao pescado na região de Los Lagos. Foram incentivados os investimentos estrangeiros, e, mais recentemente, acordos de livre-comércio, inclusive em governos do Partido Socialista como o de Michele Bachelet (2006-2010), foram celebrados. Hoje são 22 acordos com 60 nações, entre elas os membros do NAFTA (Acordo de livre comércio da América do Norte), a União Europeia e grandes economias asiáticas, tais como a China, o Japão e a Coreia do Sul. Hoje, o Chile é considerado pela Heritage Foundation, organização americana que mede a liberdade econômica no mundo, como a sétima nação mais livre do globo.

O que as reformas e os acordos proporcionaram? Em suma, ótimos índices econômicos e sociais. A economia chilena cresceu no período 1983-2006 o dobro das economias da Argentina e da Venezuela, países com políticas e ideias opostas às chilenas. A taxa média de crescimento do Chile neste período foi de 5,6 % ante 2,65% dos argentinos e brasileiros e 2,48% dos venezuelanos. A renda per nações aqui citadas, o Chile possuía em 1980 a pior renda média da população, e Venezuela, a maior. Hoje a situação é inversa. A Venezuela possui a pior renda média, enquanto a do Chile é a maior, muito próxima de alcançar o nível mínimo de país desenvolvido, o que acontecerá segundo previsões nos próximos anos. Os chilenos também possuem o melhor Índice de Desenvolvimento Humano da América do Sul, tendo ultrapassado a Argentina. Santiago é a cidade mais de-



envolvida no IDH-M do Continente. Não por acaso os chilenos foram os primeiros sul-americanos aceitos na OCDE, organismo que reúne as nações desenvolvidas. O que os dados apresentam é uma refutação da dependência para com o mundo desenvolvido, à qual estariam fadados os países sul-americanos e que resultaria na eterna miséria destas nações. Os governos argentino e venezuelano são crentes fanáticos desta teoria. Estatizam a economia, desrespeitam as propriedades e os contratos e expulsam os investidores, tudo contra o inimigo externo. Quem mais perde são os argentinos e os venezuelanos, conforme já demonstraram os índices apresentados. O mais incrível é que setores da sociedade brasileira apoiem justamente esta teoria e estes governos financiados pelo governo de nosso país. Camadas das universidades, da mídia, da classe artística, sindicatos, movimentos ditos sociais, ONGs, inúmeros partidos políticos e seus membros muitas vezes utilizam-se de recursos públicos, vindos de fundo partidário e patrocínios para disseminar seu apoio a estes regimes enquanto disseminam o ódio contra as reformas, o investimento externo e o capital.

Felizmente não chegamos aos extremos "bolivarianos" ou do "neoperonismo" dos Kirchner, embora este seja o objetivo final dos setores acima citados e de parte do governo. Neste aspecto a revista Exame não poderia ter sido mais feliz. Na edição de Setembro de 2012, a Exame comparou as nações latino-americanas a alunos de uma sala de aula. A turma da frente seria composta por Chile, Colômbia, Peru e México, os últimos com programa de reformas e abertura mais recentes. No "fundão", estariam a Argentina e a Venezuela. O Brasil estaria no meio da classe. Busca alcançar a frente, todavia flerta com o fundo. Nada mais adequado com a realidade. Avançamos nos últimos anos em alguns aspectos. Na década de 1990, foram executadas medidas como maior abertura comercial, controle fiscal e privatizações de

▶ MAPA POLÍTICO

algumas estatais. Mais recentemente o governo petista indicou maior participação do setor privado na área dos transportes, chamando de concessões e não privatizações. Pura ideologia e militância. A mesma militância que financia as camadas que impedem reformas essenciais para o país, como a fiscal e a trabalhista e que hostilizam os setores produtivos. O exemplo mais claro é o agronegócio. Além de ter os ganhos reduzidos pela péssima logística proporcionada pela estrutura nacional, o setor sofre com invasões dos tais movimentos sociais e com medidas de caráter duvidoso de um órgão Federal, a FUNAI.

O agronegócio é parcela significativa da economia brasileira. Entretanto diversas outras parcelas econômicas também financiam o crescimento nacional. Possuímos uma economia com maiores possibi-

lidades em termos de recursos e capacidade produtiva que a do Chile. Entretanto, crescemos menos e com maior inflação do que os chilenos porque nosso governo não só apoia como financia a parcela da população que move-se por militância e que condiciona nosso eterno atraso à culpa da dependência do mundo desenvolvido. A verdadeira dependência, ao contrário, é exatamente esta. Estamos condicionados ao atraso não pela dependência econômica, mas pela ideológica retardatária. Todo e qualquer movimento de liberalização comercial é visto como golpista assim como sobram xingamentos a quem defende este modelo. O Chile indicou o caminho de uma economia sólida. Espero que um dia possamos segui-lo ou pelo menos defender seu modelo abertamente.

O VISTO

CONTROLE DE PASSAPORTE

Para entrar ou sair de um país ele é imprescindível, a entrevista é uma forma de saber o que gente de fora pode falar de útil pra gente daqui, e que nós quiçá nem sequer imaginávamos antes. Quem você quer que passe pelo nosso controle?



Mueller nasceu e formou-se economista na Alemanha Ocidental, onde obteve seu pós-doutorado na Universidade de Erlangen-Nuremberg. Atuou como pesquisador e professor em diferentes universidades dos Estados Unidos, Guatemala e Brasil, onde atualmente leciona na Universidade Federal de Sergipe. É fundador do think-tank “The Continental Economics Institute” e acadêmico adjunto do Instituto Ludwig Von Mises. Suas principais áreas de pesquisa são macroeconomia, finanças internacionais, economia monetária e economia austríaca com ênfase na dinâmica das mudanças inesperadas. Temas estes que às vezes o levam, como ele próprio descreve em seu blog, a um “desespero metafísico”.

I) Em palestra proferida na Universidade do Estado de Santa Catarina, o senhor declarou a adoção a teoria keynesiana seria um requisito para se seguir a carreira de economista atualmente. Por que então estudar a Escola Austríaca?

Antony Mueller: Não fazer o mal é uma coisa boa. Quando governos praticam política intervencionista eles estão fazendo coisas ruins. Estudar a abordagem da Escola Austríaca da Economia é aprender que o intervencionismo

dos governos não funciona para melhorar a situação econômica, mas sim, para criar ainda mais problemas. O economista da escola austríaca visa à melhoria da economia em geral. O bom economista vê o impacto de medidas ao longo do tempo para todo o povo, enquanto o economista ruim só vê o impacto no curto prazo para um grupo específico. Por isso os governos intervencionistas – como o do Brasil - preferem economistas ruins ao seu lado. A “lei de Gresham” que diz que moeda ruim substitui a moe-

da boa vale também para a teoria econômica em relação à política. A política intervencionista dos governos precisa de teoria econômica ruim, e é claro que tem um grande número de economistas que entregam isso com prazer.

II) O senhor destacou, em um artigo de 2010, a influência do positivismo no ambiente político e intelectual do Brasil, que tem estampada em sua bandeira uma das máximas da ideologia de Auguste Comte: “ordem e progresso”. Dados os proble-

mas do Brasil contemporâneo, de que forma o positivismo hoje afeta a sociedade brasileira?

Antony Mueller: Infelizmente, a grande maioria dos intelectuais tem o costume de importar do exterior as ideias ruins ao invés das boas. A prova desta tese é a posição do marxismo e do positivismo entre os intelectuais brasileiros. O positivismo de Auguste Comte representa ideias tão abstrusas como as de Karl Marx. Ambas estas ideologias estão cheias de aporias, confusões, omissões e contradições. Mesmo que a aplicação destas teorias nunca tenha funcionado em nenhum lugar, muitos intelectuais brasileiros mantêm tais crenças ideológicas. Estas teorias já foram completamente falsificadas pela realidade. O Brasil de hoje sofre de uma profunda discrepância entre sua ideologia dominante e a realidade. O problema fundamental da ideologia brasileira é a crença no estado, no poder público, e esta crença é o resultado da adoção do marxismo e do positivismo. As ideias do liberalismo clássico e da escola Austríaca sobre a economia e sobre estado e política são quase completamente desconhecidas no Brasil. Fora de alguns grupos crescentes, mas ainda pequenos, como o Instituto Mises Brasil e o Ordem Livre, não é possível conduzir debates profundos sobre economia, política e estado no Brasil. Mas sou otimista, penso que tudo vai mudar para melhor com o maior acesso da população às novas fontes de informação como a internet.

III) Os países latino-americanos com os quais o Brasil possui maior aproximação apresentam arranjos político-econômicos diame-

tralmente opostos àquilo que a escola austríaca propugna, como é o caso da Argentina e de Cuba. Como o senhor vê tal aproximação? Isso ressoa nas políticas que o governo adota internamente?

Antony Mueller: No fim do século 19 existia uma tese que dizia a Argentina ia ser o país mais rico do mundo no fim do século 20. Hoje, a Argentina é cada vez mais pobre. Cuba era um dos países mais avançados na América Latina dos anos 50. Hoje, Cuba é a maior prisão das Américas. Argentina e Cuba não foram devastadas por fora, por guerras ou pela natureza, mas sim, foram arruinadas por dentro, por governos que adaptaram políticas destruidoras – o Peronismo como tipo de fascismo e o Castrismo como tipo de socialismo. A solução para estes países saírem da miséria atual seria uma boa dose da teoria econômica austríaca – no mínimo numa forma moderada como foi praticada na Alemanha Ocidental pós-guerra do tipo ordo-liberalismo.

IV) Em um artigo publicado no Instituto Ludwig Von Mises, o senhor postula que “políticas de metas de inflação são a causa dos problemas, e não a solução”. Em uma realidade de baixa intervenção estatal, qual seria a política que o governo deveria adotar perante problemas macroeconômicos recorrentes como inflação e uma alta taxa de desemprego?

Antony Mueller: Todos os caminhos keynesianos terminam na estagflação, gosto de dizer. É o caso do Brasil de hoje. Confrontamos inflação e estagnação ao mesmo tempo. Frente a estagflação, o modelo keynesiano de macroeconomia não tem ne-

nhuma resposta. Este modelo apenas conhece o “hiato inflacionário” e o “hiato deflacionário”. Assim, o governo brasileiro se encontra numa situação de paralisia e confusão. A maior parte dos economistas no poder não sabe nada além de um keynesianismo vulgar. Assim, não é surpreendente que não saibam o que fazer. Fazem mesmo sem saber e, conseqüentemente, pioram ainda mais a situação e criam problemas adicionais. Não estou falando de fantasia ou de futuro. O que estou mencionando é a realidade como ela é hoje, dado os fatos da economia brasileira. Mais uma vez, o Brasil deixou uma grande oportunidade passar. E o erro é o mesmo do passado – uma ideologia errada que não concorda com a realidade.

V) Qual o seu pensamento sobre a realidade atual do comércio internacional e atuação de organismos como a OMC?

Antony Mueller: O Brasil é uma das economias mais fechadas do mundo. Ao mesmo tempo, se acusa a “globalização” de provocar problemas. Assim como “o capitalismo” serve para explicar a miséria brasileira, a globalização e o colonialismo servem como desculpa para a própria incompetência. Na verdade, o protecionismo é a consequência do intervencionismo que existe no Brasil. Rejeitar o livre comércio é bloquear o caminho para descobrir vantagens relativas e ganhar produtividade. Sendo a produtividade a base da riqueza nacional, a prática do protecionismo é o equivalente a uma política sistemática de empobrecimento. O caminho para aumentar a produtividade é a competição. O OMC

não é necessariamente um veículo de implantação do livre comércio. Como organizações internacionais semelhantes— o FMI ou o Banco Mundial— a OMC é uma organização burocrática através da qual os governos nacionais querem promover seus interesses. Acho melhor o Brasil praticar uma política de abertura comercial de verdade ao invés de continuar com suas reclamações na OMC.

VI) Em seu país natal, a Alemanha, Angela Merkel foi reeleita pela terceira vez. O senhor considera as políticas de austeridade sustentadas por Merkel adequadas? O senhor concorda que a união monetária significou um passo em direção a uma Europa economicamente mais livre?

Antony Mueller: A Sra. Merkel ganhou as eleições com a estra-

tégia que todo político emprega para ganhar eleições: fazendo promessas que não podem ser cumpridas. Assim, nada de “austeridade”. Um país não adota austeridade por vontade própria, mas por causa dos fatos. Isso é o que acontece na Grécia e em outros países em crise. Não é pela vontade de Merkel nem dos políticos destes países que a festa acabou. O que é novo com a moeda comum é que o euro serve como um mecanismo de sanção. Sem a moeda comum, estes países hoje em crise ganhariam um pouco de mais tempo de festinha, produzindo inflação. Este caminho de pura ilusão não existe mais porque os países membros da zona de euro não mais possuem mais porque os países membros da zona de euro não mais possuem autonomia nacional sobre a

massa monetária. Neste sentido, a moeda comum europeia funciona como um mecanismo contra políticas ilusórias que ainda são populares em alguns países. No contexto histórico, a integração econômica europeia foi um fator fundamental para manter paz e aumentar a prosperidade econômica e social. O sistema monetário europeu, juntamente com o mercado único, aumentou a liberdade econômica na Europa. Hoje, quase não existem mais restrições ao movimento livre de bens, serviços, capital e pessoas. Isto é um grande progresso. Estou seguro de que Europa vai sair da crise mais próspera e com uma economia mais eficiente, e creio também que no futuro ela conseguirá fortalecer a sua posição entre os países mais ricos do mundo.



PONTE AÉREA

É uma rota conhecida, mas a rotina pode nos fazer esquecer de olhar ao redor para conhecer e saber como interferir no que acontece tão próximo de nós. Sobre o que você quer saber mais?

4ª SEMANARI

Nos dias 3, 4, 5 e 6 de setembro foi realizada a 4ª Semana Acadêmica de Relações Internacionais (SEMANARI) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Os auditórios da Reitoria da universidade e do Centro Sócio-Econômico receberam palestras seguidas de debates, além da exibição de filme e de trabalhos acadêmicos, sendo estes relacionados ao tema central desta edição do evento: Brasil Contemporâneo: Estratégias e Políticas Internacionais. A abertura da semana acadêmica, na noite de terça-feira, dia 3, ficou a cargo do Embaixador José Viegas Filho, e como debatedora, a Prof. Dra. Karine de Souza Silva. Na palestra intitulada “Aspectos da Conjuntura Brasileira no Cenário Internacional”, o Embaixador, entre outros assuntos, apresentou a participação brasileira nas

Nações Unidas e o papel exercido pelo país a partir da crise econômica global que se desenvolve desde 2008.

Na quarta-feira, dia 4, as atividades iniciaram-se com a palestra “Brasil: Potência Média ou Subdesenvolvido”. Paralelamente, acontecia a apresentação de trabalhos sobre “A Temática Regional Sul-Americana na Política Externa Brasileira”. No período vespertino, um panorama sobre refugiados, a distribuição geográfica destes, assim como quais são as organizações que tratam do assunto foram tópicos apresentados pela Prof. Msc. Tatiana Cardoso na palestra “Refugiados no Brasil”. No mini-auditório de Economia e Relações Internacionais, os trabalhos apresentados se referiam a “Teoria e Práticas das Relações Internacionais Contemporâneas”. Os trabalhos de quarta-feira foram encerrados com a palestra de Renato Galvão Flores Junior, “Regras

e Padrões: a Nova Guerra do Comércio Internacional”, tendo como debatedor o Prof. Dr. Fernando Seabra. O comércio internacional também foi tema dos trabalhos acadêmicos apresentados na manhã de quinta-feira, dia 5, na mesa “Comércio Internacional: Arenas Multi-laterais e Bilaterais e Potencialidade Interna”. Ao mesmo tempo, na reitoria, a Prof. Dra. Leila Da’ Juda Bijos ministrou a palestra “A Relevância da Diplomacia Cultural Brasileira no Cenário Internacional”. No período da tarde, tendo como debatedora a Prof. Dr. Graciela de Conti Pagliari, ocorreu a palestra “Cenários Prospectivos e Defesa Nacional”. No CSE, a palestra “Entre parceria e concorrência - o papel do Brasil no comércio internacional de recursos naturais não renováveis” ministrada por Armin Mathis, exibiu a situação do setor em questão. A mesa de trabalhos acadêmicos tratou de “Política Externa Brasileira: Uma Ferramenta a Serviço da Inserção Internacional?”. À noite, o assunto da palestra foi “Internacionalização de Empresas: Cenário atual e possibilidades para o internacionalista”.

No último dia do evento, sexta-feira, dia 6, o Primeiro Secretário Eduardo Uziel ministrou a palestra intitulada “O Brasil no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas”. A prof. Dra. Karine de Souza Silva foi a debatedora. A última mesa de trabalhos tratou de “Perspectivas das Relações Externas Entre Brasil e Argentina”. À tarde, foi exibido o filme

elaborado pelo ex-ministro da Fazenda do Brasil Mailson da Nóbrega, “E agora que o Brasil deu certo?”, sendo debatido posteriormente pela Prof. Dra. Juliana Viggiano e pela Prof. Dra. Patrícia Arienti. O encerramento da IV SEMANARI ocorreu à noite com a palestra “Política Externa Brasileira: Processos Domésticos e Estratégias Internacionais”, ministrada por Maria Regina Soares de Lima e debatida pela Prof. Dra. Mónica Salomón. Durante todo o evento, estiveram expostas fotos do projeto “A Carada Brasil” no hall do CSE.

A IV SEMANARI ocorreu de forma bastante organizada, sendo necessário destacar o enorme empenho e eficiência da equipe organizadora, composta por alunos da graduação do curso de Relações Internacionais da UFSC. Diante de mais um evento de grande sucesso realizado pelo curso, a comunidade acadêmica já aguarda ansiosamente pela V SEMANARI.

O VISTO

BAGAGEM DE MÃO



A bagagem que não é despachada e pode ser mexida a qualquer momento. Tem vezes que só percebemos o tanto de coisas que levamos na bagagem de mão quando já voltamos pra casa. O que você leva com você?

VOLTAIRE E “O HOMEM DOS QUARENTA ESCUDOS”

CHRISTIAN SPAREMBERGER, ALUNO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS - 7A FASE

François Marie Arouet, mais conhecido como Voltaire, em seu livro “O Homem dos Quarenta Escudos”, apresenta a realidade econômica francesa por meio de diálogos e circunstâncias comuns à realidade de um camponês francês, em um período antecedente à Revolução Francesa. No livro, o autor relata, com sua habitual ironia e sarcasmo, a vida de um camponês sugado economicamente pelo sistema tributário da época, não se abstendo de tratar de questões pertinentes ao seu tempo, como a burguesia e a religião. Ao decorrer de seu livro, Voltaire mostra sua indignação com a exploração da classe camponesa, condenando a rique-

za burguesa e dirigindo inúmeras críticas contra a igreja católica, os seus monges e os seus ricos mosteiros. Para realizar tais críticas, o autor conta a história de um camponês que, após ser empobrecido pelo sistema tributário francês, consegue alcançar uma situação social mais favorável, tornando-se um cidadão instruído e capaz de perceber as desigualdades e injustiças de seu tempo.

O autor também acrescenta em seus escritos questões acerca da economia política, defendendo a ideia de que o desenvolvimento de um país era estritamente dependente da riqueza produzida por seus habitantes. Tal questão fica evidente logo no início do seu livro, durante o diálogo promovido

► BAGAGEM DE MÃO

entre o Homem dos Quarenta Escudos e o Geômetra, abordando questões como injustiça, distribuição de renda e desigualdade social. Neste ponto do livro, o autor divide a renda nacional francesa pelo número de habitantes, resultando assim em quarenta escudos, valor que um agricultor francês ganharia com uma pequena propriedade - e que também dará o nome para seu livro e a ao seu personagem principal.

Ao difundir com mais profundidade seus postulados acerca da economia política, Voltaire deixa claro sua aversão aos sistemas metafísicos aplicados à economia política. Para o escritor francês, as questões econômicas se mostravam de formas simples, dependendo apenas da experiência e do bom senso para serem analisadas.

Ademais, o livro também nos traz uma profunda análise da pífia realidade da população camponesa francesa sob o Antigo Regime, ao mostrar alguns dos motivos sociais que levaram à eclosão da Revolução nos anos posteriores, não se restringindo apenas às questões ideacionais humanistas ou materiais burguesas.

O livro, de curta e fácil leitura, apresenta um entrelaçamento entre as questões religiosas, sociais e econômicas, além de ser um prato cheio

para os amantes da boa literatura, proporcionando-nos a possibilidade de nos colocarmos no lugar de um trivial cidadão francês do século XVIII. Dessa forma, o livro nos ajuda a compreender melhor as questões sociais e econômicas da Revolução Francesa através do pensamento e das figuras de linguagem de um dos maiores humanistas franceses.



DE VICO A WOODY ALLEN – AS ARTES E A SUCESSÃO DE CULTURAS

GABRIEL CERON PEREIRA, ALUNO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS – 3A FASE

Alguns dos filmes de Woody Allen – os melhores – portam insights dignos das mais longas divagações filosóficas e políticas, das quais se tira quase sempre a mesma conclusão: Woody é um gênio! Porém, além de suscitar a apreciação cinéfila, estas divagações podem evocar alguns dos mais significativos debates conduzidos dentro da academia. Não é diferente com Meia Noite Em Paris, filme lançado em 2010, em que o diretor nos provê uma valiosa exposição da concepção do filósofo italiano Giambattista Vico acerca da sucessão de culturas, ideia que mais tarde inspiraria o célebre conceito

de “pluralismo de valores” desenvolvido por Isaiah Berlin.

O insight principal do filme é desencadeado pela adoração de seu protagonista, Gill, pela Paris do início século XX e seus principais romancistas, os quais o próprio personagem, como escritor, tenta emular em seu trabalho. A certa altura do filme, Gill é magicamente transportado a tal período, no qual tem a oportunidade de conviver com mestres como Hemingway e Buñuel. Lá, ele encontra uma jovem moça, também habitante do mundo das artes, que, assim como ele, revela certa insatisfação com a vida e a produção cultural de seu tempo. A princípio, Gill não compreende: como

pode alguém viver no paraíso cultural de seus sonhos e ainda assim estar descontente? Pois aquela jovem não apenas estava descontente com a sociedade e a cultura da Paris da década de 20, como também sonhava em viver na Paris dos tempos da Belle Époque, em meados do século XIX. Assim, Gill e a moça se transportam juntos para a Paris da Belle Époque, onde a jovem confessa a um homem que lá vivia sentir inveja dele, pois, ela, parisiense da década de 1920, considerava que naqueles tempos a cultura havia atingido o seu ápice. O homem da Belle Époque, por sua vez, responde que sente uma completa insatisfa-

ção com as artes e a cultura do seu tempo, confessando um desejo, compartilhado com os seus amigos, de viver na Europa da Renascença.

Ao ouvir a resposta do homem da Belle Époque, Gill nota que tanto ele quanto homens de gerações passadas caíram em uma mesma armadilha, da qual apenas ele, por viajar pelo tempo, pôde se libertar. Ele insistia em idealizar uma época em que, segundo seus próprios padrões, as maiores obras de arte foram realizadas, o que o fazia olhar para os demais períodos da história como meros ensaios ou imitações de sua idealizada Paris da década de 1920. O que ele veio a descobrir era que as realizações daquele período, assim como as realizações dos demais períodos que são objetos de idealizações, foram condicionadas pelo conjunto social que naquela época existiu. Cada conjunto social deteve, em seu período de existência, uma visão de mundo resultada de uma conjunção de valores que definiram como seus membros agiram, pensaram e se comunicaram com o passado.

Assim sendo, cada período da história representa uma visão de mundo própria, inimitável, impossível de ser equiparada com qualquer outro período da história posterior ou anterior. Tal conclusão torna o recorrente esforço intelectual de comparação valorativa entre a produção cultural de diferentes períodos da história, e a subsequente idealização de um período específico, um exercício fútil. Não obstante, podemos estabelecer relações e intercâmbios com os indivíduos de períodos remotos, pois suas produções culturais, apesar de condicionadas por uma época específica, pertencem à humanidade – isto é, tais obras

foram produzidas, admiradas e reproduzidas por seres humanos!

“Cada período da história representa uma visão de mundo própria, inimitável, impossível de ser equiparada com qualquer outro período da história posterior ou anterior”

O filósofo Giambattista Vico, habitante do Reino de Nápoles durante o período Barroco, talvez não tenha viajado no tempo como Gill, mas foi capaz de apresentar este insight em sua obra *Scienza Nuova*, ao apresentar a sua complexa teoria sobre os ciclos recorrentes da história. Para ele, cada sociedade possui um padrão único, expresso em seu modo de vida. Mais recentemente, Isaiah Berlin, importante filósofo do século XX, chamou a atenção para tal aspecto da obra de Vico, utilizando-o como cerne para o desenvolvimento de seu conceito de “pluralismo de valores” ou “pluralismo agônico”, no qual, assim como Vico, Berlin estabelece uma crítica ao racionalismo. Tal crítica implica um permanente ceticismo em relação a qualquer tipo de razão prática, um protesto contra aqueles julgamentos que, ignorando a pluralidade incomensurável de valores conflitantes, reconhecem um só valor e apontam um só caminho. Interpretando Vico, Berlin expôs que: *“(…) toda sociedade possuía, para ele (Vico), a sua própria visão (...) Essa visão da sociedade é transmitida por tudo que seus membros fazem, pensam e sen-*

tem (...) Essas visões diferem em cada conjunto social – cada um têm seus próprios dons, valores, dons de criação, incomensuráveis entre si: cada um deve ser compreendido em seus próprios termos - , compreendido, mas não necessariamente avaliado”

A crítica de Woody Allen às idealizações culturais apresentada em *Meia-Noite Em Paris* encaixa-se muito bem nas linhas do pensamento de Vico e Berlin. As realizações artísticas de uma determinada sociedade inserida no tempo, apesar de legadas às gerações futuras para a inspiração e a admiração, não podem ser fruto de idealizações que ignorem não só a passagem do tempo, como também os sistemas de valores cambiantes que permitem a realização das obras de uma geração. Berlin deteve-se brevemente sobre a implicação de seu pensamento sobre as artes: *“(…) deve ser um absurdo dizer que Racine é melhor poeta de Sófocles, que Bach é um Beethoven rudimentar, que, digamos, os pintores impressionistas são o auge da pintura (...) Os valores dessas culturas são diferentes, e eles não são necessariamente compatíveis uns com os outros.”*

O presente conceito desmonta uma das principais armas dos críticos de arte: a comparação cega da obra analisada com uma obra canônica do passado. O próprio Woody é uma vítima constante dessa vilania e tem cada novo trabalho seu comparado com antigas obras-primas suas e de outros realizadores. Críticos adoram dizer que Woody nunca conseguiu fazer um “novo *Annie Hall*” e que seus dramas “nunca conseguiram repetir Bergman”. Vico e Berlin responderiam

em coro que Annie Hall e os dramas de Bergman são, além de obras de seus realizadores, obras de uma determinada geração, em que os valores compartilhados por determinado conjunto social permitiram que estas obras viessem ao mundo.

Enfim, gerações passaram, os valores mudaram e, para a nossa sorte, temos Woody Allen ainda vivo, a realizar filmes como Meia-Noite Em Paris em nossa geração. Por certo, tais filmes serão vistos por gerações futuras que, assim como Gill idealizava Hemingway, idealizarão Woody Allen. Torçamos para que estes cinéfilos do futuro tenham os escritos de Vico e Berlin à disposição, para que percebam a continuidade deste ciclo.



O VISTO

COMENTÁRIO CRÍTICO DE CALLINICOS, ALEX. BONFIREOFILLUSIONS: THE TWIN CRISES OF THE LIBERAL WORLD. LONDON: POLITY, 2010.

PABLO EMANUEL ROMERO ALMADA

Alex Callinicos é um autor ainda pouco conhecido no Brasil, já que poucos de seus livros foram traduzidos por aqui (há apenas a tradução de *A vingança da História: O Marxismo e as Revoluções do Leste Europeu*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992). No entanto, o filósofo trotskista zimbabuense, Professor de Estudos Europeus na Kings College e Membro do Socialist Workers Party (SWP) britânico, tem apresentado significativos trabalhos para as possibilidades de renovação do marxismo, dos quais merece destaque *Making History* (1988), *Against Postmodernism* (1991) e *The Resources of Critique* (2006), esse último, apresentando uma incursão às “falácias” epistemologizantes de Jürgen Habermas, Luc Boltanski e Yves Chiapello, Tony Negri entre outros, e aos desafios para uma crítica ontológica fundamentada no realismo de Roy Baskar e Margareth Archer.

The Bonfire of Illusions, por sua vez, é um obra incomum, certamente uma das primeiras, junto com *The Limits of Capital*, de David Harvey (2006), que apontam o prenúncio da atual crise capitalista, levando em consideração que a crise atual é uma crise com base na exploração do trabalho e na necessidade de criação de novos espaços de dominação geopolítica. Seu objetivo é apresentar uma gênese da recente crise das economias capitalistas, iniciada em 2008, a qual se expande

globalmente, colocando como protagonista a relação entre o desenvolvimento capitalista baseado em sua dimensão financeira e a “sobrevivente” democracia liberal, cujo risco de perda de sua hegemonia parece ser evidente. Para ele, essas origens se dão justamente na perda da primazia do poder hegemônico norte americano, a partir da abrupta quebra do Lehman’s Brothers e, também, pelo conflito entre a Rússia e a Geórgia, o qual revelava o desejo de expansionismo geopolítico russo para o controle da produção energética na região, frente a uma possível expansão norte-americana.

Disso, emerge uma crise sem precedentes – talvez comparável apenas à Grande Depressão dos anos 1930 –, cujo marco regulatório Keynesiano serviu como “ilusão” de que o Estado seria suficiente para o controle dos mercados e das economias nacionais. Porém, esse desafio se sobressai a partir do momento em que os Estados transferiram sua capacidade de controle para os bancos. Essa proposição considerava que os mercados estariam livres de crises, apesar da inerente instabilidade de mercado, mas que, por fim, conseguiriam controlar eficazmente através de uma crescente financeirização da economia.

É de se atentar que, na análise de Callinicos, tanto o keynesianismo como o liberalismo clássico não consideram as contradições existentes entre o processo de trabalho (e sua criação de

mais-valia) e a dimensão financeira do capitalismo. Por isso, a crise pode ser analisada criticamente em três contradições: (i) uma crise de longo prazo de acumulação e rentabilidade; (ii) um sistema global financeiro que é cronicamente instável e estruturalmente desbalanceado; (iii) uma crescente confiança na bolha de crédito e na sustentabilidade da expansão econômica. Assim, a demarcação desse modelo de crescimento econômico “insustentável” tem-se colocado a par de uma resolução das contradições sistêmicas e inerentes do capitalismo e, muito pelo contrário, as aprofunda mais radicalmente.

No entanto, essa crise revela um declínio do modelo de Estado-nação, que, regido sob princípios da democracia representativa liberal, permite que os seus administradores políticos compactuem mais com os desejos políticos de instituições internacionais, como o FMI, do que com os interesses das populações. A crise político-administrativa dos Estados revela que o modelo neoliberal de governação é falho, na medida que intensifica a competição geopolítica e a instabilidade global se acirra, retirando a autonomia democrática dos Estados.

Perante tal crise e instabilidade crescente, restaria apenas observar que tais resoluções em voga só podem ser pensadas em marcos distintos dos atuais e que não podem ser resumidas como uma mudança de regime, mas como uma mudança de sistema econômico. Nos modelos atuais do capitalismo, impera a lógica de expansão imperial por meio de mercados financeiros, o que, dada uma autonomia fictícia da contradição entre trabalho e capital, resume-se em um feroz ataque às demandas coletivas e em incentivos à geração de mercados privados e de individuação econômica.

Como visto, esse é o panorama que deve ser considerado para uma análise social, econômica e política da atual conjuntura, para além de uma mera crise de financeirização e de insuficiência administrativa dos Estados. A suposição de que essa seria uma crise estrutural do capital revela que, por trás dessa crise, a expansão capitalista é inviável sem afetar as estruturas políticas.

“A crise político-administrativa dos Estados revela que o modelo neoliberal de governação é falho”

No entanto, cabe ao trabalho teórico perceber como a ilusão dos modelos econômicos precedentes deve ser recusada com argumentos materiais, distantes dos atuais modelos abstratos, para a resolução de problemas concretos e, em especial, rejeitando as teorias da economia neoclássica e da exacerbação da subjetividade pós-moderna. Seguramente, cabe revelar que o sistema capitalista é constituído do antagonismo entre capital e trabalho, bem como da contradição entre os próprios capitais gerados. Seria esse modelo de acumulação competitiva, inerente ao modo de produção capitalista, a evidência da limitação histórica dessas formas e de seu caráter transitório?

Pablo Emanuel Romero Almada é Doutorando em Sociologia pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Atualmente é Professor Substituto da Universidade Federal de Santa Catarina, onde ministra disciplinas de Sociologia e Ciência Política para os cursos de Economia, Relações Internacionais e Odontologia.

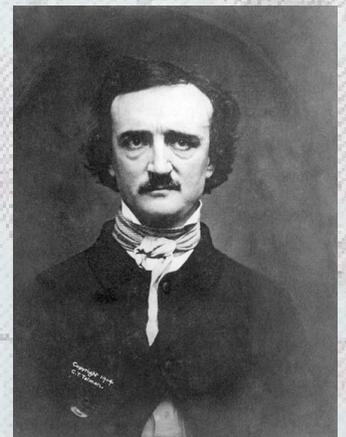
O VISTO

EDGAR ALLAN POE

Edgar Allan Poe, nascido em Bolton, Estados Unidos, ainda quando criança, ficou órfão e foi adotado por um casal rico da Virgínia. Com os pais adotivos, viajou por um longo período pela Inglaterra, Escócia e Irlanda. Ao retornar aos Estados Unidos, continuou seus estudos nas melhores escolas e universidades da época, distinguindo-se tanto pela inteligência quanto pelo temperamento inquieto.

Depois de vencer alguns concursos literários promovidos pela revista “Southern Literary Messenger”, foi convidado pelo fundador da publicação, Thomas White, a fazer parte do periódico, onde pôde exibir todo seu talento, num estilo novo, com rigor e sensibilidade estética.

Entre suas obras mais notáveis, destacam-se: The Raven (O Corvo,



► BAGAGEM DE MÃO

poesia, 1845), Annabel Lee (poesia, 1849) e o volume Histórias Extraordinárias (1837). Em outubro de 1849, depois de uma longa noite em uma taberna, Poe morreu, mas deixou um legado que jamais será esquecido.

UM SONHO NUM SONHO

Este beijo em tua fronte deponho!
Vou partir. E bem pode, quem parte,
francamente aqui vir confessar-te
que bastante razão tinhas, quando
comparaste meus dias a um sonho.
Se a esperança se vai, esvoaçando,
que me importa se é noite ou se é dia...
ente real ou visão fugidia?
De maneira qualquer fugiria.
O que vejo, o que sou e suponho
não é mais do que um sonho num sonho.
Fico em meio ao clamor, que se alteia
de uma praia, que a vaga tortura.
Minha mão grãos de areia segura
com bem força, que é de ouro essa areia.
São tão poucos! Mas, fogem-me, pelos
dedos, para a profunda água escura.
Os meus olhos se inundam de pranto.
Oh! meu Deus! E não posso retê-los,
se os aperto na mão, tanto e tanto?
Ah! meu Deus! E não posso salvar
um ao menos da fúria do mar?
O que vejo, o que sou e suponho
será apenas um sonho num sonho?

ALONE

From childhood's hour I have not been
As others were; I have not seen
As others saw; I could not bring
My passions from a common spring.
From the same source I have not taken
My sorrow; I could not awaken
My heart to joy at the same tone;
And all I loved, I loved alone.
Then - in my childhood, in the dawn
Of a most stormy life - was drawn
From every depth of good and ill
The mystery which binds me still:
From the torrent, or the fountain,
From the red cliff of the mountain,
From the sun that round me rolled
In its autumn tint of gold,
From the lightning in the sky
As it passed me flying by,
From the thunder and the storm,
And the cloud that took the form
(When the rest of Heaven was blue)
Of a demon in my view.



EXTRAVIO

Tudo aquilo que se perdeu no caminho, não foi dito, desencaminhou-se, não coube em palavras, mas que, ainda sim, merece espaço. O que você tem a acrescentar?

PAVOR INTELCTUAL, POR ARNALDO BRANCO



MANUAL DE REDAÇÃO, POR ARNALDO BRANCO



ANTES E DEPOIS, POR ARNALDO BRANCO



Arnaldo Branco é roteirista da TV Globo; escreveu e dirigiu a série "Overdose" para MTV; é quadrinista do jornal O Globo e do portal G1 e cartunista da Folha de S. Paulo.



MILHAS

Em um programa de fidelidade, quanto mais milhas acumuladas mais longe você pode ir, sem custo nenhum. Aqui no curso, nossos grupos de estudo são suas possibilidades de ir mais longe acumulando conhecimento da maneira que preferir. A taxa de embarque é escolher sua área de interesse. Sobre qual grupo você quer saber mais?

OIRÃ

MARINA ANDRADE, ALUNA DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS - 2A FASE.

O Oirã é um grupo de Pesquisa e Extensão coordenado pelas professoras doutoras Letícia Albuquerque e Clarissa Dri. De um lado, há a produção acadêmica e teórica, a pesquisa. Do outro, há a extensão, isto é, uma aproximação e um diálogo entre universidade e comunidade. Os assuntos abordados nos encontros são relacionados com cooperação, integração e regionalismo na América Latina. Esse ano, temos como tema Justiça de Transição, ou seja, a passagem de uma ditadura à democracia nos países da América Latina. Estudamos os mecanismos existentes, ou em processo de criação, para a superação do legado de violência em prol da atribuição de responsabilidade, da construção da memória, da busca pela verdade.

Contudo, apenas o estudo não conscientiza e não causa impacto na população. Por isso, o projeto de extensão "Pedro e o Capitão" consiste na apresentação da peça adaptada de Mário Benedetti, em escolas e comunidades, seguida de um debate com os jovens sobre suas impressões, opiniões e reflexões sobre o tema abordado. Desse modo, agimos em favor da conscientização, reafirmando a necessidade do conhecimento geral sobre o direito à verdade, à memória e à garantia de não repetição.

Evidentemente, a América está passando por um processo de formatação, amadurecimento e consolidação de uma nova ordem econômica, cultural, social e democrática e necessita de estudos sobre essa sua nova fase. Em vista disso, o grupo está disposto a estudá-la e, para isso, conta com estudantes, da graduação e da pós-graduação, e com professoras coordenadora que acompanham e orientam a pesquisa e a extensão.

DUTY FREE

Sem filas, sem taxas, sem cotas, sem impostos, sem escrúpulos.

MORE E ESTUDE EM PAZ

Se você cansou de ficar gritando "shhh" na BU ou de pedir para o seu colega de casa abaixar o sertanejo/gritaria/Chico Buarque chorando às 3 da manhã, morar nesse excelente apartamento com 1 dormitório e home office pode ser uma boa! Ele tem cama, bancada para escritório e armários completos. A sala e cozinha são integradas e ele é totalmente mobiliado. Para a alegria ser ainda maior ele fica em um andar alto e no centro da cidade. O prédio tem portaria 24 horas, elevadores e salão de festas. Aluguel é R\$ 1.100,00 e o condomínio em torno de R\$ 250,00 (IPTU mensal sob consulta). Ligue: (48) 9672 0403 TIM.

CASA SÓ PARA QUEM TEM ENSINO SUPERIOR COMPLETO

Pelo visto o proprietário aqui tem noção das farras da graduação e quer sua casa inteira de pé. Por isso, ele oferece uma casa residencial com 3 dormitórios. É construção antiga em ótimo estado (leia-se vintage), sala para dois ambientes, cozinha, banheiro, varanda fechada, lavanderia, quintal coletivo e uma vaga de garagem. Se você quer ser o sortudo que vai pegar o quarto com ar condicionado liga lá: (48) 9672 0403 (TIM). Aluguel já bonificado R\$ 1.700,00 mais consumo individual de luz, água e IPTU mensal. Eles não aceitam animais na casa mas pode ter fiadores de todo o Brasil entre outras formas de garantia.

VÁ PARA NÁRNIA

E qualquer outro lugar que você

esteja ligado. Ao contrário do que parece, isso não é uma oferta de entorpecentes. O cara está vendendo uma caixa de Som subwoofer clone por apenas R\$ 50,00. Ela é pra Home Theater 2.1 com subwoofer CLONE possui um total de 1000W de potência PMPO e é ideal para PCs, DVD-Rom, DVD-Player e Games. Dispõe ainda de qualidade Hi-Fi, tem compatibilidade com sistema Dolby Digital e acompanha cabo para conexão com PC.

Alimentação: 115/230V AC // Canais: 2.1 // Conectores: Conector: P2 3,5mm stereo // Controles: Volume e grave frontais // Cor: Preto e prata// Potência: 8W RMS // Dimensões: Subwoofer: 21 x 12 x 21cm / Satélites: 14,5x8,7x7,1cm (AxLxP)

http://www.federalsc.com.br/anuncios/index.php?hash_id_item=MzYzNjMzMDQ2NjMzNg==

GELADEIRA DA CARLA

Ela quer que você pague o frete. A geladeira é da Cònsul e custa R\$ 130,00 e se estiver a fim é pra mandar email pra Carla (carlalia@gmail.com) ou ligar pra (48) 9699-6992 (TIM (boa sorte))

VAGA DE EMPREGO, CORRE !

Em tempos de crise, notícia de vaga de emprego é sempre a melhor. O CIEE está procurando alguém para ser Assistente de Contratos e ainda oferecere vale-transporte, vale alimentação, plano Unimed, plano Uniodonto e salário inicial de R\$ 1000 reais. É para início JÁ, gente. Então corre manda seu currículo logo para

rh2@cieesc.org.br, com o código 170232 no assunto do e-mail.

TABLET NOVO EM FOLHA

Olha, ter um celular ou tablet sem nenhum arranhão é uma vitória. Esse dono super cuidadoso só usou seu Tablet Galaxy Tab 2 P5100 - 10.1 com capinha e agora quer vender por 850 reais e ainda com tudo junto: cartão 2Gb, capa, adaptador para pendrive. Preço bom assim só com ele(a): <http://goo.gl/k7CWv4>

PROCURA-SE UMA MENINA

Essa vaga de apartamento só aceita menina que for da paz, organizada e não-fumante. Ali no Condomínio São Francisco da Lauro Linhares e só a alguns passos da UFSC. O quarto já vem com guarda roupa embutido e ainda você pode acordar com sol que bate lá pela manhã.

Se quiser pagar 470 reais por condomínio, aluguel, luz e internet corre aqui: http://www.federalsc.com.br/anuncios/index.php?hash_id_item=MzAzMDMzMDQwMDMzMA==

Onde nós achamos tudo isso aí? Nosso parceiro Federal SC que achou pra gente, entra lá que tem muito mais: www.federalsc.com.br. Tem algo pra vender, quer comprar algo? Pode enviar! ovistoufsc@gmail.com